

28 de dezembro: publicação do poema esotérico *Natal* noutra jornal.

31 de dezembro: o júri do Secretariado da Propaganda Nacional confere o grande prêmio à obra de um frade franciscano; a obra de Pessoa obtém apenas o segundo prêmio, por causa de seu insuficiente volume.

1935

13 de janeiro: longa carta ao jovem amigo Casais Monteiro, poeta da equipe da *Presença*: conta-lhe com pormenores, mais de vinte anos depois, a experiência do “dia triunfal” e a gênese dos heterônimos. Nela define também sua posição sobre ocultismo e iniciação.

20 de janeiro: nova carta a Casais Monteiro, onde se define como dramaturgo cujas diversas personalidades dialogam entre si. Apresenta também a heteronímia como exploração de seu próprio ser. “Não evoluo, viajo.”

Janeiro-março: estado depressivo, doença e, sobretudo, cansaço, cansaço intenso, que é o tema de toda uma série de poemas de Campos. Bebe cada vez mais, vinho e aguardente.

4 de fevereiro: publicado num jornal diário violento panfleto seu contra a proposta de um deputado salazarista de proibir as “sociedades secretas”; nele toma a defesa da Franco-Maçonaria. Essa iniciativa lhe assinala o rompimento com o salazarismo. É, por seu turno, violentamente atacado na imprensa.

Recusa-se a assistir à cerimônia de entrega dos prêmios do Secretariado da Propaganda Nacional, presidida por Salazar.

29 de março: primeiro poema satírico contra Salazar.

30 de março: redige sua nota biográfica, onde se apresenta como “conservador anti-reacionário”, “cristão gnóstico” oposto ao catolicismo, membro da Ordem dos Templários. Será encontrada entre seus papéis após sua morte.

5 de abril: a Assembléia Nacional aprova por unanimidade o projeto que declara ilegal a Maçonaria.

12 de abril: crítica elogiosa num jornal à *Mensagem*.

26 de abril: novo poema de Campos: “Estou cansado, é claro...”

27 de abril: poema em francês onde diz à mãe (morta há dez anos) que seu “*petit enfant est plein de larmes et de doutes*”.

2 de junho: escreve a *Elegia na Sombra*, que lhe exprime a profunda decepção ante a situação a que chegou a pátria.

6 de junho: crítica hostil numa revista à *Mensagem*.

9 de junho: o governo organiza as Festas de Lisboa para celebrar os “santos de Junho” e conquistar assim as graças do povo; Pessoa escreve, por seu turno, no mesmo dia, mas com espírito irreverente e corrosivo, três poemas sobre Santo Antônio, São João e São Pedro.

29 de julho: escreve um poema anti-salazarista.

22 de agosto: Campos queixa-se num poema do “sono universal” que desce sobre ele e que é o “sono da soma de todas as desilusões”.

17 de setembro: poema patético do “próprio” Pessoa: “Mãe, não haverá um Deus que me não torne tudo vão?”

21 de outubro: poema de Campos: “Todas as cartas de amor são ridículas...”

30 de outubro: decide não publicar mais nada em Portugal, para protestar contra o agravamento da censura.

Novembro: publicação na revista de Almada Negreiros, *SW* (Sudoeste), de breve texto de recordações, *Nós, os do Orpheu*; nele exalta a loucura de um dos companheiros de 1915, Ângelo de Lima, agora internado num manicômio.

Publicação no mesmo número de uma *Nota ao Acaso*, de Campos, sobre a questão da sinceridade na poesia: é coisa que não existe.

26 de novembro: violenta crise de cólicas hepáticas.

28 de novembro: é internado no Hospital de São Luís dos Franceses, no Bairro Alto. É tratado pelo primo, o Dr. Jaime Neves. Na ausência da irmã Henriqueta, imobilizada no Estoril por um acidente, recebe a visita do cunhado, Caetano Dias.

29 de novembro: Escreve a lápis numa folha de papel: “*I know not what tomorrow will bring.*”

30 de novembro, 20 horas: segundo um testemunho, pede os óculos, para ver melhor. Morre às 20 horas e 30 minutos.

2 de dezembro, 11 horas: enterro no Cemitério dos Prazeres, no jazigo da família, na presença de umas cinquenta pessoas. O elogio fúnebre é lido pelo amigo Luís de Montalvor, companheiro dos tempos do *Orpheu*. O jornal *Diário de Notícias* consagra duas colunas ao acontecimento.